BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA
mocidade portuguesa feminina
PRIMAVERA

Obra das Mãis pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»
Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8. — Telefone 4 6134 — Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.os 4 a 10 — Lisboa

MEDITAÇÃO DA GUERRA

«Dieu nous éclaire à chacun de nos pas
Sur ce qu'Il est et sur ce que nous sommes
Une loi sort des choses d'ici-bas
Et des hommes.
Cette loi sainte, il faut s'y conformer,
Et la voici, tout âme y peut atteindre:
Ne rien haïr, *mon enfant,* tout aimer
Ou tout plaindre»

...São versos de VÍTOR HUGO.

O poeta tinha aprendido esta «lei santa» na Escritura:

«Amarás a Deus — e ao próximo como a ti mesmo».

Por outras palavras, Cristo — o grande Legislador — havia de dizer o mesmo:

«Homens, amai-vos uns aos outros».

As nações e os homens andam em guerra...

E todos os dias os jornais e as revistas, sobretudo as ilustradas, com requintes de pormenores, documentadas com gravuras, as mais realistas e dolorosas, nos vão alimentando os olhos, a curiosidade e as paixões com todo êsse fragor infernal de ódios que matam os homens...

Maquinaria guerreira, engenhos poderosos e quási invencíveis, armas apuradas, os gazes e as bombas malditas... e a vida nas trincheiras: lamas, neves, frios... e os combates no ar, e sôbre as águas... e, misturada com tudo e com todos, a Morte, a grande Morte, a cortar vidas, mocidades e esperanças...

A Polónia... a Finlândia...

Horrível!...

O homem lobo de seu irmão...

É a terra a esquecer de todo a lei do Amor...

A guerra... É a guerra!...

...e já uma pedagogia vai educando os nossos sentidos, os nossos olhos e os nossos ouvidos — e o nosso coração vai-se habituando — e não tardará que a nossa alma aceite, e se conforme, com êste regime de desamor e sangue...

E cedo virão as conseqüências (o homem é assim: vai atrás do seu pendor para baixo). O coração endemoninhado pela guerra, entontecido pelo sangue, a viver em estado de guerra, a proclamar a guerra, a fazer a guerra, dentro de si mesmo, e com as «pequeninas nações» — as pequenas sociedades de que faz parte! — Guerra na família... guerra na profissão... guerra na nação...

A isto e a pior nos há-de levar, já nos está levando, tôda essa «literatura» e «pedagogia» inçadas de gravuras e descrições e paisagens da guerra que anda lá ao longe a ceifar tanta vida de tanto irmão nosso..

* * *

E isto — meu Deus! — não é ter mêdo à guerra: — havia eu de *cumprir,* se ela tivesse de vir...

Mas hei-de reagir contra «isto». Agora: aceitar o meu dever de cada dia — que ainda será esta a melhor maneira de evitar a guerra...

E junto de Deus: chorarei e resarei pelos que caem mortos e feridos nos campos de batalha.

É isto egoismo, Senhor?

«Ne rien haïr, mon enfant, tout aimer, ou tout plaindre».

G. A.

PELO SINAL DA S.ta CRUZ

São os Cruzeiros marcos religiosos que apontam às almas que passam, entre os caminhos da terra, o grande Caminho da Luz.

São de pedra, como as colunas dos templos, a que se agarram as heras, e as esperanças dos homens: a Verdade que simbolizam não cai como os fustes das ruínas.

Mas por detrás e acima dessas pedras hirtas como dogmas, sente-se a palpitação do Coração de Deus.

Os Cruzeiros são filhos da Paixão e da Caridade infinita de Cristo.

É sagrada a terra que os Cruzeiros cobrem com a sombra melodiosa e heróica dos seus braços.

Actos de fé traduzidos em granito, põem notas de epopeia na natureza e dão à paisagem o interêsse das grandes presenças espirituais.

Ao mesmo tempo, afirmam Portugal em todo o mundo a que chegou o génio dos nossos argonautas e conquistadores.

Enganam-se todos aqueles que vêem nos Cruzeiros um simples elemento decorativo.

Êles terão sempre o valor duma assinatura. E duma assinatura colectiva.

Interpretação magnífica do Verbo, que há-de estar no princípio de tôdas as coisas humanas, acordam na nossa consciência todo o sentido latino e universalista da nossa civilização: cavalgadas destemidas contra os moiros, espadas fulgindo ao sol vermelho das batalhas; vôos de bandeiras desfraldadas; caravelas vencendo o nevoeiro e as tempestades; fomes e sêdes de soldados, lições e angústias de missionários!

Devemos amar, até por isso, os Cruzeiros da nossa terra.

Mesmo no silêncio, falam. Mesmo tombados, são prece e acção de graças. Um Cruzeiro mutilado é uma lira partida, mas que conserva tôda a ressonância maravilhosa das horas mais inspiradas.

Ao nosso coração é que repugna topar Cruzeiros despedaçados e esquecidos na sua solidão.

Só quando Portugal se desencontrou de si próprio e perdeu, por momentos, a consciência dos seus destinos e das suas responsabilidades na História, é que foi possível à loucura dos iconoclastas derruir as pedras seculares dalguns Cruzeiros.

A' mocidade portuguesa de hoje cabe a missão patriótica de vingar os ultrajes dos traidores da Grei aos símbolos do nosso Crêdo salvador. Vem já de séculos o costume de florir os Cruzeiros e levar a seus pés o cortejo das almas penitentes e devotas.

Quando 1940 nos atira o pensamento para a meditação da nossa independência e da restauração da liberdade nacional, ressuscitemos, à roda dos Cruzeiros, todo o encanto das tradições antigas.

Junto dêsses padrões heróicos e ingénuos, relembremos a vida e a morte dos nossos irmãos de Outrora, que sonharam impérios derrotando orgulhos; que rezaram orações de fôgo, brandindo lanças; que fizeram a glória do Espírito e do Sangue, sofrendo e cantando!

Muitas foram as mulheres que ao verem marchar soldados para a guerra ergueram para a Cruz de pedra da sua aldeia os olhos comovidos e lhe prometeram logo, com palavra jurada, sete voltas de joelhos, para o dia do regresso dos seus filhos bem amados.

Ao longo da terra portuguesa vai passar em timbres de oiro, de apoteose e de esperança, o éco dos sinos e dos clarins.

Nesse instante quási místico da nossa reafirmação como povo, passe também sôbre os Cruzeiros de Portugal tôda a ternura de Portugal, tôda a ternura da Mocidade Portuguesa Feminina. E tôdas as Raparigas, irmãs de santos ou de poetas, noivas de cavadores ou de paladinos, peçam ao Céu, para o presente e para o futuro da Pátria, o alento das bênçãos imortais, pelo Sinal da Santa Cruz!

P. Moreira das Neves

EM CIMA: Cruzeiro da Bobadela

AO CENTRO: Uma Cruz humilde põe um ar de bênção na tarde triste

EM BAIXO: Cruzeiro de S. Domingos (Aveiro)

PADRE SUEIRO

Gonçalo já voltou. Floresce a quinta.
Florescem os lilazes na verdura.
É tudo paz, como a novela pinta,
Só se respira uma alegria pura.

Lembrando ainda a sua glória extinta,
não deixa a Tôrre de espreitar da altura.
Quem há que, enamorado, não se sinta
ao vêr que a hera a abraça com ternura?

Emquanto ao longe uma estrelinha arde,
Padre Sueiro avança lentamente,
de guarda-sol aberto, ao fim da tarde.

Junto ao cruzeiro, ingénuo e paternal,
ei-lo pedindo numa fé bem quente
a bênção do Senhor p'ra Portugal.

António Sardinha

O DIA DA CRIANÇA
FINLANDESA

QUANDO um país é atacado, invadido, saquiado e as suas casas ardem abatidas pela chuva de fogo que os aviões lhe despejam em cima, há sempre a mesma idéia: salvar as crianças. E é sem dúvida a mais justa medida; as crianças são o futuro duma raça, a esperança brilhante, que não só faz palpitar o coração das mãis mas também o de todos que querem ver fortalecida e viva a sua Pátria.

Um bébésinho finlandês

Os finlandezes, gente dum patriotismo que inspira ao mundo inteiro o mais profundo respeito, porque êsse patriotismo se traduz num heroísmo de epopeia, trataram de pôr a salvo as suas crianças, mandando-as para campos de concentração na Suécia e na Noruega, países que as acolheram com o maior carinho.

As mãis, com o coração dilacerado, tiveram de se separar dos seus filhinhos, dêsses entes queridos que eram a sua alegria e que elas orgulhosamente passeavam nos seus carrinhos trenós, preparados para andar na neve, nesses sombrios dias em que a luz artificial substitue o lindo sol que nos envolve.

Sem lágrimas, sem revolta, elas puzeram a salvo os seus filhos, continuando a lutar ao lado dos homens pelo seu país nessa admirável organisação que é a "Svard Lotta".

Mas como sofrem essas mulheres e como sofrem essas crianças, longe dos seus, isoladas, sem ter o carinho que nada pode substituir das suas mãis, êsse carinho feito de sacrifício absoluto.

Qual é o coração que se não sente enternecido com êsse martírio dos filhos dos heróicos defensores da Finlândia, que nos deixam assombrados com os seus feitos que são superiores aos dos heróis de lendárias valentias.

A caminho da Suécia... O letreiro que levam ao pescoço indica o nome da criança, filiação, etc.

Não há ninguem que o não sinta e a "Mocidade Portuguesa Feminina" teve um gesto lindo quando resolveu fazer no dia 2 de Março uma "quête" ao alcance de tôdas as crianças, ao menos dum tostão por cada uma, para valer aos pobres refugiadozinhos do país da neve.

As nossas crianças, que estão ao abrigo carinhoso de suas mãis, num país que o sol aquece e em que uma primavera precoce começa já a florir as árvores, sentem o sofrimento dos seus irmãozinhos nórdicos, dêsses pequeninos que estão longe de seus pais, — que, quem sabe, talvez já não existam! — num país onde começa a raiar agora a luz baça duma primavera quási polar, acompanhada ainda com a visita diária de neve.

É um gesto lindo êste da gente miúda do nosso Portugal onde os grandes sentimentos nascem e desabrocham na floração viva que a luz e o sol põem nas almas.

Que o tostão das crianças pobres, que o acompanharam certamente duma prece a Deus pelos inocentes que sofrem os horrores da guerra, cresça e se multiplique num auxílio de tudo o que lhes é necessário.

E que a sua oração interceda junto de Deus para que lhes seja restituído o carinho dos seus pais, o amor de suas mãis, num país vitorioso como a valentia dos seus homens o torna digno e merecedor de ser.

MARIA D'EÇA

Mãis finlandesas passeando os filhos em carrinhos trenós.

OS CHAPÉUS DA MOCIDADE

Algumas Filiadas da M. P. F. põem o chapéu tão mal que concerteza nunca se viram com êle ao espelho! A posição do chapéu, em vez de ser horizontal, torna-se quási vertical, como se a aba fôsse algum canhão anti-aéreo!... As *poupas* e os *caracoes* sôbre a testa ficam de fóra e os chapéus, postos assim, dão às raparigas um ar estouvado que não diz bem com a farda que vestem. A correção exterior não impede que as raparigas sejam graciosas... À falta de espelho (que essas filiadas parece que não possuem...) publicamos hoje alguns chapéus *bem* e *mal* postos para verem a diferença e nos dizerem se temos ou não razão em querer que os chapéus sejam postos *como deve ser*, isto é, não deixando a descoberto a raiz do cabelo na testa.

RESSURREIÇÃO
Mestre do Retábulo de Santos-o-Novo — Pintor Português do Séc. XVI

Aleluia

A Santa Igreja considera a festa da Páscoa a festa das festas e convida-nos a vivê-la «em transportes de alegria».

Alegria tão grande que não quere que ela dure apenas um dia e prolonga-a durante todo o tempo pascal, como se êsses 40 dias fôssem um só dia de festa.

Porque se alegra assim a Igreja e deseja que os fiéis a acompanhem na sua alegria?

Porque Cristo com a sua Paixão e Morte venceu o pecado e a morte e com a sua gloriosa Ressurreição nos tornou participantes da sua vida divina e imortal.

Abriram-se as portas do céu, as portas eternas do reino da eterna ventura!

E não havemos de nos alegrar?!

Cristo, nossa esperança, ressuscitou e nós ressuscitámos com Êle!

Porisso a Igreja canta sem cessar: Aleluia! Aleluia! *êsse canto celeste que o céu empresta à terra, para que a terra possa provar um pouco da alegria do céu!*

Quando em Sábado Santo ouvirmos cantar a Aleluia *recebamo-la na nossa alma e guardêmo-la dentro dela durante todo o tempo pascal.*

Cantêmo-la nos actos litúrgicos e cantêmo-la baixinho na nossa alma a tôda a hora e instante!

Aleluia! Aleluia!

Durante o tempo pascal a alegria vale tanto como uma oração e sobe para o céu como o fumo do incenso.

Esqueçamos as nossas tristezas. Embora a cruz continue na nossa vida, a glória de Cristo ressuscitado envolve-a.

Quaisquer que sejam os nossos sofrimentos, a esperança deve transfigurá-los.

«Foi preciso que Cristo sofresse para entrar na sua glória»; assim nos é preciso a nós também...

Mas no explendor da glória de Cristo ressuscitado tôdas as dores e humilhações desaparecem. Também os nossos sofrimentos serão breves, como tudo o que tem um fim, e não terão proporção alguma com a glória que nos está reservada.

Aleluia! Aleluia!

Já não são braços dolorosos os braços da cruz... já não é uma sombra de morte a que ela projecta...

Se a cruz continua ainda erguida — a Santa Igreja nunca apeia a cruz do Calvário dos seus altares — não é para nos afligir: é para não nos deixar esquecer o mistério do sofrimento que salva e o amor sem igual d'Aquele que deu a Sua vida por nós.

Amor que é vida para as nossas almas vivas, se nós, que morremos com Cristo e com Ele ressuscitámos, não procurarmos mais as coisas da Terra mas nos elevarmos às do céu!

COCCINELLE

Desenho de FORTUNATO ANJOS

A Mocidade em Coimbra

Em Coimbra a Mocidade Portuguesa Feminina prestou o seu concurso à «Obra das Mãis» confeccionando 30 berços, com os respectivos enxovais, para serem distribuídos por mãis pobrezinhas. Bastaria o gesto enternecedor e lindo da oferta dêsses berços para que a festa fôsse grande e a todos agradasse.

Mas em Coimbra quiseram que a distribuïção dos berços e enxovais se realizasse num ambiente festivo para que tudo fôsse alegria nesse dia de abençoada caridade — e alegre e linda foi a festa que se realizou no Teatro Avenida, no dia 30 de Janeiro.

A festa começou pela exibição do filme «Mocidade Vitoriosa», documentário das comemorações da «Mocidade» no 28 de Maio passado.

Seguiram-se Ranchos da Aldeia *e* Canção do Minho, *canções e bailados cheios de movimento e de côr, por filiadas do Colégio Santa Isabel.*

Depois foi representado o Sonho da Pobrezinha, *graciosa e educativa peça em um acto, e o* Corridinho, *canção popular cantada e dansada pelas filiadas do Colégio Alexandre Herculano.*

E esta 2.ª parte terminou com vários números de ginástica rítmica que agradaram muito, por filiadas do Liceu Infanta D. Maria.

A 3.ª parte foi preenchida por uma palestra pela Senhora D. Maria Joana Mendes Leal, acompanhada de canções regionais por um grupo coral do Colégio Alexandre Herculano.

Terminada a parte recreativa, teve lugar a distribuïção dos berços e enxovais, que as mãis receberam das mãos das filiadas da Mocidade. A cada berço ressoava uma salva de palmas, a que parecia se juntava o bater dos próprios corações, compartilhando com amor daquela alegria.

Assistiram à festa o Senhor Governador Civil, a Senhora Condessa de Ameal, presidente da O. M. E. N., a Dr.ª D. Dionísia Camões, Delegada Provincial da M. P. F., Dirigentes da Obra das Mãis e da Mocidade, muitas filiadas, as famílias contempladas e numerosas pessoas.

A festa terminou com o Hino da Mocidade Portuguesa.

A Mocidade em Barcelos

Também em Barcelos, no «Dia da Mãi» se realizou a distribuïção de 12 berços com os competentes enxovais a outras tantas mãis que compareceram na sessão solene com os seus filhinhos. Quadro comovedor! Dôze berços pobrezinhos, porque a pobres se destinavam, frescos, alegres, mimosos, com chitas e flanelas que iriam agasalhar botõezinhos de carne que desabrocharão para a Vida como esperança radiosa em que a Pátria confia. Berços vazios, mas replectos da ternura com que foram confeccionados pelas filiadas da M. P. F., que nesse trabalho tivemos a mais bela lição de santificação do lar, onde àmanhã procuraremos ser as melhores obreiras da reconstrução dum Portugal Maior.

Encerrou a sessão S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Arena com palavras de aplauso à obra realizada e de apêlo e incitamento a todos para que continuassemos a fazer mais e melhor.

Era bem patente a alegria e satisfação de S. Ex.ª Rev.ma e o público manifestou o seu agrado em aplausos calorosos.

Temos a certeza que o «Dia da Mãi» em Barcelos contribuiu, embora modestamente, para que a mulher fôsse exaltada e dignificada na missão mais nobre que Deus lhe confiou: a missão de Mãi.

Maria da Glória Vieira Duarte — Filiada - 20.943

O 1.º de Dezembro, êste dia de tão grandes e gloriosas tradições, que em nós faz avivar ainda mais o orgulho de pertencermos à nobre raça lusa, foi em Barcelos solenemente festejado pela Mocidade. A festa foi iniciada às 9 horas da manhã com o hastear da Bandeira Nacional ante os filiados e filiadas que em formatura fizeram a continência. Houve em seguida uma missa rezada por alma dos portugueses que morreram pelo ideal da Independência.

Também nessa manhã foi feita a entrega da bandeira da Ala à M. P. F., pronunciando nessa altura uma eloqüente e patriótica alocução Frei Angelo Guimarãis.

No Teatro Gil Vicente realizou-se uma sessão solene na qual todos os oradores se dirigiram à Mocidade apontando aos rapazes os exemplos dos heróis de Portugal de antanho e às raparigas as virtudes das insignes portuguesas que com eles cooperaram na obra da Restauração. Por fim houve uma sessão

A BENÇÃO DA SÉDE DA M. P. F.

Não podemos deixar de guardar nas páginas do nosso Boletim — que é o relicário das nossas recordações — a notícia da festa íntima que se realizou na nossa séde no dia 9 de Dezembro: a bênção da casa e do Crucifixo por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca.

O Crucifixo, depois de ser benzido, foi colocado na parede pela Comissária Nacional da M. P. F.. A fotografia que publicamos mostra bem a fé, a confiança e o amor — o verdadeiro enlêvo — com que todos os olhos a acompanharam. São olhares em que fala o coração...

E o coração de nós todos falou nesse momento em que o Senhor veiu habitar a nossa casa. Foi uma alegria. Foi uma graça. Alegria que ainda dura; graça que ainda permanece.

Sua Eminência o senhor Cardeal Patriarca benzendo a séde da M. P. F.

A Comissária Nacional da M. P. F. colocando o Crucifixo

A' saída. Descendo as escadas sob as bandeiras inclinadas.

PÁGINA DAS LUSITAS

ERA UMA VEZ...

AS QUINTAS-FEIRAS DA TIA PATROCÍNIO

A senhora D. Maria do Patrocínio era um senhora já vèlhinha; mas tão bem disposta, sempre, tão cheia de saúde para os seus setenta anos, que a criançada tôda era doida por ela. Quando, às 5.as feiras, juntava no seu palácio umas dezenas de pequenas e pequenos, quási todos sobrinhos e primos, a boa senhora sentia-se feliz! e as crianças, sem excepção, mais felizes, ainda se sentiam.

Que belas brincadeiras ali se inventavam! Se o tempo estava bom lá ia o rancho todo para o jardim; corriam em volta dos canteiros floridos, deitavam barquinhos vários no lago, andavam no baloiço, iam ver as capoeiras, trepavam, até, às árvores o que constituia um dos maiores divertimentos.

Se o tempo estava mau, nem por isso se divertiam menos: arranjavam charadas figuradas, faziam jantarinhos, cantavam em côro, dançavam no enorme salão ao som de discos animados.

E, boa Tia Patrocínio, como tôda as crianças lhe chamavam, revia-se naquela alegre mocidade e gosava quási tanto como as crianças.

Entre as pequenas do rancho Maria Angélica era uma das mais velhas: fizera onze anos, já, e crescera tanto que até parecia mais. A sua vivacidade alegre, a sua formosura sã faziam dela a preferida da Tia Patrocínio; mas nenhuma das outras crianças se melindrava por isso e aquelas alegres quintas-feiras eram para tôdas o dia mais feliz de tôda a semana.

Uma tarde, chuvosa e fria, a Tia Patrocínio organizou um jôgo divertido (embora já muito velho e ainda do tempo em que a boa senhora era nova): chamava-se o jôgo do Pai Gregório e havia prendas óptimas (embrulhos misteriosos preparados de antemão) para quem ganhava. Era um jôgo de cartas; e juntavam-se famílias, designadas pelos diferentes naipes. Havia a família do Pai Gregório, que era espadas; a do advogado que era ouros; a do médico que era copas e a do jardineiro que era paus.

— Sabem o que se vai fazer, queridinhas? — disse a Tia Patrocínio, depois de ensinar a marcha do jôgo. — Só se desembrulham os presentes quando o jôgo acabar.

— Sim! Sim! — gritaram vozes entusiasmadas.

Os presentes, embrulhados em papel de sêda, estavam no meio da enorme mesa redonda da casa de jantar; e um dêles, destinado a quem juntasse a família do Pai Gregório, era enorme, bojudo, parecia ter braços e pernas. O que seria?

— Aquele é que eu quero para mim — declarou Maria Angélica — quem me dera apalpá-lo — acrescentou.

— Não vale! — exclamou José Maria, indignado.

— É só eu querer... — tornou Maria Angélica.

Mas a Tia Patrocínio interveiu:

— É proïbido tocar nos presentes.

E o jôgo começou com entusiasmo.

— Tirei a família do jardineiro! — declarou Luizinha, apresentando a sua família reünida.

— Está aqui a prenda; mas só se desembrulha no fim — disse a Tia Patrocínio.

E Luizinha consolava a sua impaciência devorando o embrulho com os olhos.

— Ganhei o médico! — exclamou José Maria.

— Pai Gregório! — gritou Gabriela, radiante, agarrando com as mãos ambas o enorme embrulho.

Houve uma gralhada geral.

— O que será?

— Deixa apalpar!

— Parece uma boneca!

Só Maria Angélica, numa aparente indiferença, nada dizia. Parecia alheia, os olhos fitos no jardim que se via ao longe, sob uma chuva miúda...

— Ganhei o advogado — disse Júlio; e a Tia Patrocínio, entregando o último embrulho da série, declarou, contente:

— Vá, meninos, toca a desembrulhar!

Então foram exclamações e gritos de alegria ao ver os brinquedos vários que surgiam! Mas quando Gabriela desembrulhando lentamente, amorosamente, o prémio do Pai Gregório viu nas suas mãos uma linda boneca, tôda vestida de malha, houve um silêncio geral, tal foi a comoção.

Gabriela beijava a cara imóvel da boneca, estreitava-a contra o peito, fazia-lhe festas...

E tôdas as pequenas queriam pegar-lhe com extremos e carinhos maternais.

— Olha, Maria Angélica, olha a minha boneca! — e Gabriela levou a nova «filha» junto de Maria Angélica, sua prima co-irmã.

Mas Maria Angélica, encolhendo os ombros, respondeu:

— Tenho visto muitas assim — e saiu da sala com o semblante carrancudo.

A Tia Patrocínio assistira à cena; e um profundo desgôsto, absolutamente inesperado, invadia o seu coração. Que feio sentimento era aquele que agora dominava Maria Angélica, a sua sobrinha querida, a sua predilecta até ali? Seria possível que a criança tivesse inveja, êsse horrível pecado mortal?! Correu, quanto as suas pernas lho permitiram, e encontrou Maria Angélica na copa, sentada tristemente a um canto. Abraçou-a, e preguntou:

— Minha filha, que tens tu?

Maria Angélica não respondeu; mas, agarrada à boa tia, chorou convulsamente durante um longo momento.

— Eu queria a boneca! Eu queria a boneca!

A Tia Patrocínio respondeu-lhe, gravemente:

— Minha pobre pequena, será possível que sejas invejosa? Que triste coisa essa...

Maria Angélica continuava a chorar.

— É um sentimento tão baixo, tão feio, que só terei descanso quando vir que já o não tens. Vamos ter com as pequenas agora. Vais beijar a tua prima e pegar na linda boneca que a sorte lhe deu.

Maria Angélica, envergonhada, voltou para a mesa do jôgo, onde já recomeçara um novo Pai Gregório. E oh espanto! lá estava outra boneca embrulhada à espera de quem a ganhasse.

— Saiu à Maria Angélica! Vejam! Vejam! — gritaram mil vozes. Mas, com a admiração geral, Maria Angélica ofereceu a linda boneca à sua prima Eugénia!

A Tia Patrocínio, comovida, abraçou-a com maior ternura ainda, e murmurou-lhe:

— Bravo, minha filha! Assim é que eu te quero!

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Aventuras DE ROSA TEIMOSA

— Ora — exclamou uma rapariga morena vindo agarrar Rosa, que esperneava e gritava — pinta-se-lhe já a pele branca com iódo, rapa-se-lhe a cabeleira à navalha...

— Não! Não! — gritava Rosa.

— Boa ideia a do iódo; mas não lhe cortem o cabelo...

— Pinta-se de negro — opinou um dos homens.

E, naquela mesma noite, amarrada a uma cadeira com cordas, exausta de gritar e chorar, foi a pobre Rosa pintada com tintura de iódo, ficando de todo irreconhecível!

— Nem vale a pena pintar-lhe o cabelo — lembrou Miriam, a cigana nova — com a côr que se lhe deu, ficou bem transformada. Agora... toca a vesti-la!

Despiram-lhe o vestido, a fina roupinha, as meias... Rosa, sem fôrças já para lutar, ficou embrulhada numa comprida saia castanha, rôta e suja, e numa manta nojenta e escura.

— Agora dorme, serigaita! Amanhã estamos longe e nunca mais vês a tua rica terra! — e Miriam apontou-lhe uma saca de linhagem a um canto da barraca, onde Rosa se deixou caír soluçando.

Adormeceu, porém, a-pesar-de tudo, cansada de chorar.

O sol não despontára, na manhã seguinte, quando os ciganos levantaram o acampamento e a caravana se pôs em marcha. Rosa ia fechada na carroça grande, depois de lhe terem metido um horrível café pela bôca abaixo. Além dos vómitos e das lágrimas, um desespêro profundo enchia a sua alma de criança; e nem fôrças tinha para rezar... Horas sem fim foram passando e os solavancos da carroça pelas estradas pedregosas sacudiam violentamente a infeliz Rosa.

— Vem comer! — gritou-lhe a velha alta, quando pararam em plena charneca ressequida pelo sol.

— Não quero — respondeu Rosa, meio desmaiada de fraqueza. Mas a vèlhota pegou-lhe em pêso e sentou-a no meio da turba cigana diante dum panelão de sopa gordurenta.

Não pode descrever-se o que foi a aflição das duas criadas e de Jùjú com o desaparecimento de Rosa.

Chamada a polícia naquela mesma noite, foi um alvorôço na feira. No próprio acampamento dos ciganos, onde os polícias entraram alta noite, todos dormiam... ou simulavam; e a desgraçada pequena, morena como todos, embrulhada em farrapos sórdidos e caída num sôno profundo, passou despercebida aos olhos investigadores da polícia.

Na casa da Estrêla ninguém dormira naquela noite trágica e o pai, meio doido, andou pela cidade, prometendo as mais valiosas recompensas a quem lhe trouxesse a filhinha adorada.

Mas tôdas as buscas foram inúteis; e a pobre Rosa lá ia através do Alentejo na caravana nómada, com rumo a Espanha; o terror na alma e uma ideia única no espírito: fugir!

Chegaram, enfim, muitos dias depois, a terras espanholas; e, quando as autoridades vieram reclamar os papeis com os nomes de cada um, Rosa ouviu Zógar apresentá-la como a pequena Zuleima, que morrera pouco antes. Ainda gritou:

— É mentira! Não sou Zuleima! Chamo-me Rosa e sou portuguesa! E fui roubada...

Mas nessa altura começaram todos a rir em alta grita e as autoridades espanholas nem entenderam as exclamações de Rosa, que não escapou a uns valentes beliscões de Miriam.

A vida de Rosa entrou, então, numa fase de normalidade horrível! Levantava-se, mal rompia o sol, para o tratamento dos animais, chamada pela velha cigana Mikal, rainha daquela tribu. Apesar dos seus modos bruscos, Mikal não lhe batia nem a tratava mal. Dava-lhe ordens sêcas e rudes, mas Rosa surpreendera às vezes uma expressão de dó no olhar que poisava nela...

Omar, o rapaz do urso, murmurara-lhe um dia ao ouvido:

— Vai agüentando, cala-te sempre; um dia ajudo-te a fugir...

Rosa ia soltar um grito, mas Omar pôs disfarçadamente o dedo indicador sôbre os beiços e Rosa conteve-se.

Percorriam as feiras exibindo os cavalos e o urso, que Omar fazia dançar ao som do pandeiro; e era Rosa que tinha de andar entre os grupos de espectadores, a recolher as pêrras chicas que lhe davam. E, às vezes, lembrava-se de olhar bem intensamente o público, na louca esperança de vêr alguém que a reconhecesse...

Uma vez, nos arredores de Cadiz, pareceu-lhe ouvir falar português e gritou:

— Sou portuguesa! Não sou cigana!...

Mas o próprio Omar, que viu a inutilidade perigosa daquele grito, começou a cantar com mais fôrça a dança do urso, abafando a voz e as lágrimas de Rosa.

Myriam e Zógar eram o seu terror; e não havia dia em que não lhe batessem.

Quem poderia agora reconhecer Rosa naquela garota miserável, esfarrapada, com os cabelos em desalinho, a côr tisnada dos ciganos, os pés descalços e feridos pelas pedras da rua? Ninguém, decerto.

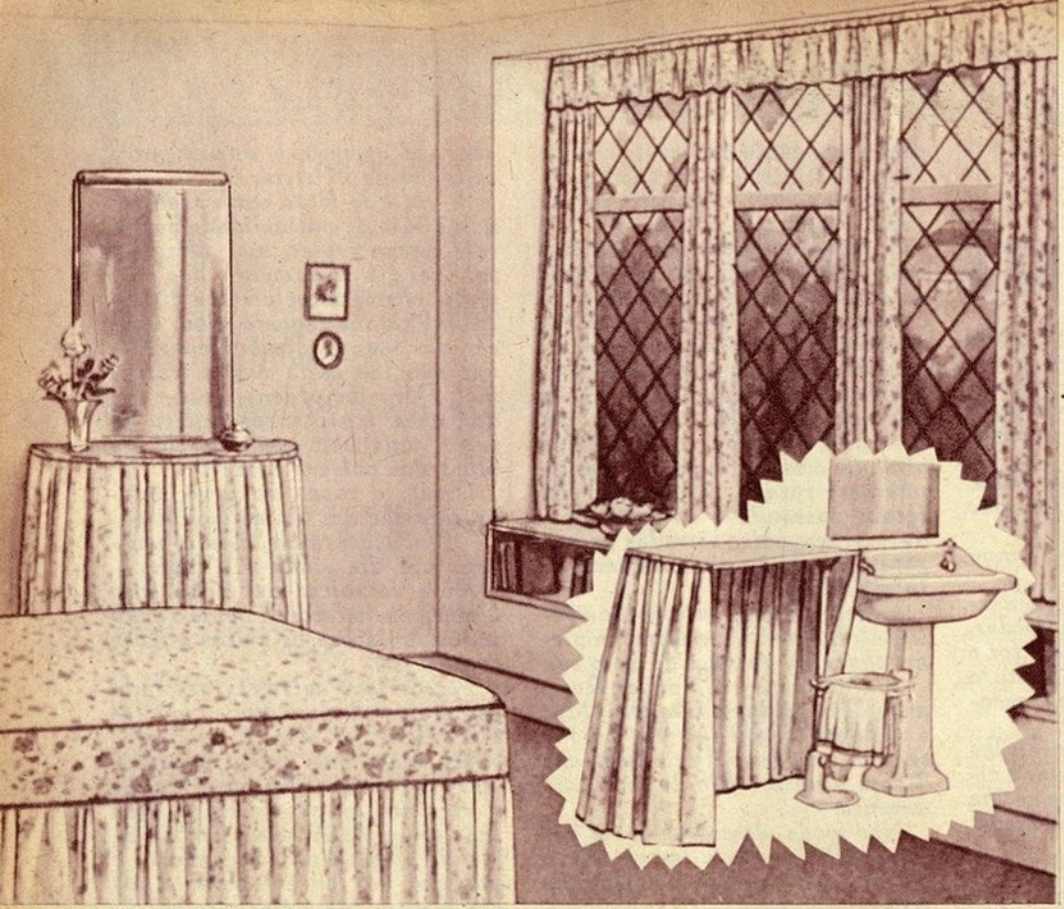
Uma noite, deitada sôbre a sua saca nojenta, com os olhos abertos para o céu estrelado, Rosa, chorando em silêncio, rezou:

— Virgem do Céu, minha Mãi Santíssima, se não quereis levar-me aos meus pais, fazei que eu morra ao adormecer e não torne a acordar nêste inferno! — E fechou os olhos com fôrça, na esperança de ser ouvida e atendida por Nossa Senhora.

Dali a um momento ouviu alguém arrastar-se para junto dela; e a voz de Omar, em segrêdo, murmurou-lhe:

— Rosinha, estás a ouvir?

(Continua)

O LAR

Por baixo do toucador fica escondido o lavatório. (Vê-se a cobertura desviada)

COMO SE ARRUMA UM QUARTO

ANTES de mais nada, logo depois de nos levantarmos e arranjarmos, devemos deitar para trás a roupa da cama e abrir a janela. Depois do quarto arejado, quando chegar o momento de o arranjar, devemos fazer assim:

1.º Tira-se o tapete que costuma estar ao lado da cama. E começa-se por tirar o tapete para não andarmos a passar por cima dêle, estragando-o sem necessidade, enquanto damos as nossas voltas no quarto. (Já ensinámos o modo de limpar os tapetes no Boletim do mês de Outubro).

2.º Lava-se com água e sabão o lavatório e todos os objectos de que nos servimos: saboneteira, copo dos dentes, etc. Arrumam-se as toalhas ou põem-se a enxugar ao sol, se estiverem molhadas. Em seguida fazem-se os despejos.

3.º Depois faz-se a cama. A cama deve fazer-se antes de varrer o quarto para o pó não enxovalhar os lençóis.

Como se faz uma cama para ficar bem feita?

Tira-se a roupa da cama e põe-se sôbre duas cadeiras (voltadas uma para a outra) junto duma janela. Nas cidades é feio ver a roupa pendurada à janela. Se estivermos no campo, não faz mal.

Bate-se o colchão e volta-se porque, se o deixarmos sempre na mesma posição, daí a pouco estará com uma grande cova no meio ou mais alto dum lado do que doutro.

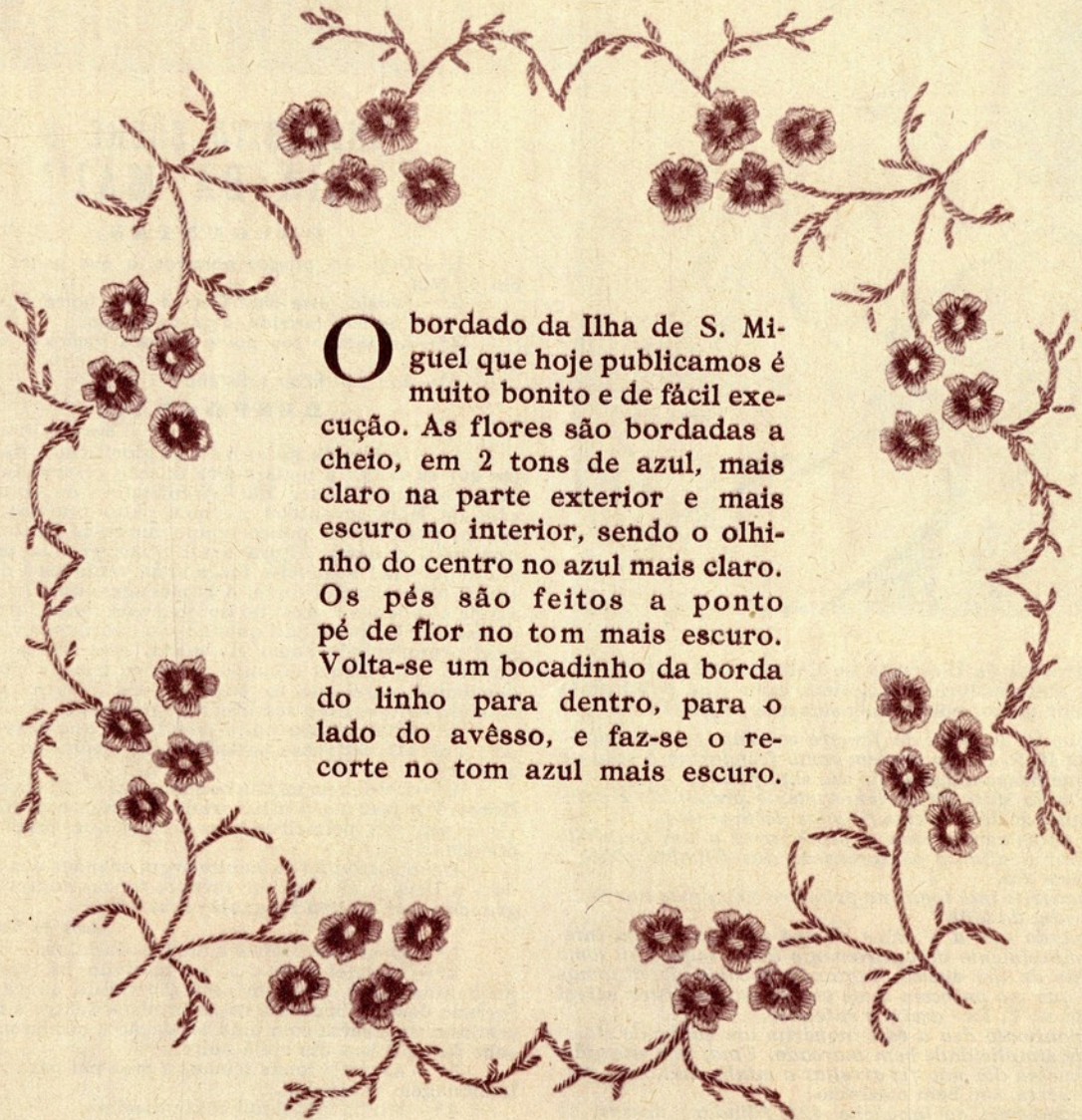
Depois limpa-se o pó do colchão de arame e dos varões, etc. Se se deixa acumular o pó, podem lá fazer criação certos bichinhos que não têm graça nenhuma!

Põe-se em seguida o lençol de baixo, que se entala sob o colchão para ficar bem esticado. O lençol de cima põe-se do avêsso para a dobra ficar do direito. Entala-se aos pés e estende-se para cima a todo o comprimento; põem-se depois os cobertores, que se vão entalando também debaixo do colchão, aos pés, e que em cima devem ficar bem certos uns com os outros. Postos todos os cobertores, dobra-se sôbre êles o lençol e entala-se tudo juntamente sob o colchão. Por fim põe-se a colcha, no caso desta ser colocada cobrindo o travesseiro e a almofada.

Uma vez a cama feita, varre-se o quarto ou limpa-se com um pano, se o quarto é encerado.

Depois limpa-se e pó e colocam-se todos os objectos em ordem, no seu lugar.

Não se deve deixar a roupa por cima das cadeiras e da barra da cama: escova-se e pendura-se no guarda-vestidos ou dobra-se e mete-se numa gaveta.

Os sapatos também não devem ficar a vadiar pelo quarto cada um para seu lado; limpam-se e arrumam-se um junto do outro. Sôbre o toucador não deve ficar o pente ainda com cabelos, a escôva de pernas para o ar, as molduras com os retratos com a cara voltada para a parede, etc.

Devemos deixar tudo limpo, tudo arranjado, tudo *no seu lugar*. A ordem é uma condição de beleza, de confôrto e de bem-estar.

Não nos desculpemos com a pressa, com as aulas... Se formos activas e cuidadosas, podemos ter tudo sempre em ordem. É claro que se a preguiça nos fizer estar até à última hora na cama e nos levantarmos a correr para ir para a escola, não teremos tempo para arranjar convenientemente o nosso quarto. Ou, se formos desmazeladas, desarrumando em vez de arrumarmos, então nunca nos será possível ter as nossas coisas ordenadas e nunca sentiremos a alegria de possuir um quarto onde nos sentiremos melhor do que em parte alguma do mundo!

Ainda um último conselho:

Devemos acostumar-nos a sair do nosso quarto, de manhã, já bem lavadas, penteadas e vestidas.

É muito feio ver uma rapariga chegar à hora do almôço ainda com os olhos com que dormiu — porque ainda não viram a água — e com os pés descalços metidos nuns chinelos e a camisa de dormir a espreitar por debaixo do roupão...

O bordado da Ilha de S. Miguel que hoje publicamos é muito bonito e de fácil execução. As flores são bordadas a cheio, em 2 tons de azul, mais claro na parte exterior e mais escuro no interior, sendo o olhinho do centro no azul mais claro. Os pés são feitos a ponto pé de flor no tom mais escuro. Volta-se um bocadinho da borda do linho para dentro, para o lado do avêsso, e faz-se o recorte no tom azul mais escuro.

Bordado da Ilha de S. Miguel

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

INQUÉRITO SÔBRE O "DIA DA MÃI"

Recebemos da Directora do Centro n.º 2, Ala 2, Província da Estremadura, a seguinte carta que publicamos com o maior gôsto, pois é imensamente consoladora:

Vi que no Boletim de Janeiro corrente vem pedido às filiadas da M. P. F. que contem como festejaram o «dia da Mãi» e o que pensam àcêrca do seu significado.

O «dia da Mãi» foi carinhosamente preparado e entusiàsticamente acolhido pelas filiadas dêste centro.

Tal entusiasmo levou a proceder-se a um inquérito para melhor avaliar a compreensão das filiadas sôbre o alcance dêste dia.

O inquérito teve lugar no primeiro sábado de instrução depois do «dia da Mãi».

Julgando que a V. Ex.ª deverá merecer algum interêsse o conhecimento do apuramento dêsse inquérito, tomo a liberdade de lho enviar, juntando a cópia de algumas respostas que me parecem mais significativas, para serem publicadas, se V. Ex.ª assim o entender.

O anonimato deu a êste inquérito um cunho de sinceridade e de simplicidade bem marcado. Uma, por exemplo, declara: «nesse dia não fiz arreliar a minha mãi, sim, porque eu, às vezes, sou bem màzinha».

Responderam ao inquérito 420 filiadas; dessas, 14 eram órfãs de mãi. Tôdas, com excepção de uma, ofereceram a missa dêsse dia por sua alma, e tôdas aquelas a quem foi possível fazê-lo foram deixar flores nas suas campas.

Trinta e duas filiadas vivem longe de suas mãis, nenhuma, porém, deixou de lhe escrever nesse dia, e destas, oito enviaram-lhes as suas fotografias.

Quarenta e uma fizeram consistir a sua principal homenagem no oferecimento da missa do dia e num pequeno tesouro espiritual.

É curioso notar, que 95 procuraram substituir, nesse dia, a sua mãi no arranjo da casa, preparando elas o almôço, o jantar, os bolos, adornando o lar com flores, etc. Uma das mais pequenas, 11 anos, diz: «eu fiz nesse dia como se eu fôsse a mãi e ela a filha».

Duzentas e vinte souberam associar todos os membros da família, e em especial seus pais, à homenagem que prestaram a suas mãis, muitas não se esqueceram até de aconselhar os irmãos mais novos a prometerem «ter mais juízo» depois delas mesmas terem feito igual promessa.

Há homenagens verdadeiramente enternecedoras: um crucifixo comprado à custa de pequenas economias; uma pequena lembrança que só conseguiu adquirir-se com o dinheiro poupado no carro, indo portanto a pé para casa durante alguns dias; flores, versos etc., etc., tão variadas e tão lindas tôdas...

E finalmente não quero deixar de referir-me ao sentimento tão profundamente cristão duma que declara: «e à noite, todos, o meu pai, a minha mãi, a minha irmã, rezámos o têrço por alma daquelas mãis cujas filhas se tivessem esquecido de rezar por elas nesse dia».

PREGUNTAS:

1.ª — Diga, em poucas palavras, o que pensa àcêrca do dia da Mãi.

2.ª — Festejou êsse dia? Como? Que homenagem prestou a sua Mãi? Se não festejou, diga as razões.

3.ª — Associou o seu pai e os seus irmãos a essa homenagem?

4.ª — Sua mãi ficou satisfeita?

RESPOSTAS:

Idade da Filiada — 16 anos

1.ª — O «dia da Mãi» é o dia da glorificação da mãi, o dia em que se exalta a mais nobre missão reservada à Mulher pela Providência: ser Mãi! A iniciativa de comemorar o «dia da Mãi» encontrou no meu peito um eco bem profundo, pois eu, há pouco tempo ainda ia perdendo a minha mãi, e nessa altura senti quão grande era o meu amor por ela! Festejei-o fazendo as vontades a minha màizinha, não a contrariando. A homenagem que lhe prestei foi simples: apenas flores; no domingo de manhã puz em tôda a casa flores, para que quando ela acordasse visse tôda a casa ornamentada como ela gosta, com flores. E à tarde, quando saiu, fiquei olhando por meu irmãozinho e providenciando para que as suas ordens fôssem cumpridas. Quando voltou, li no seu olhar a satisfação.

3.ª — Pedi a meu pai e meu irmão que nesse dia fizessem que ela estivesse satisfeita e rodeámo-la de carinho e amor.

4.ª — Dei-lhe na minha homenagem o que ela mais gosta: flores. Por isso o seu olhar traduziu imensa gratidão. Fê-la viver um dos primeiros dias felizes que teve depois da doença.

Depois, quando eu à noite ergui as mãos aos céus, agradeci a Deus o não ma ter levado, ter-me conservado o seu grande amor e o seu inegualável carinho.

Idade da Filiada — 11 anos

1.ª — O «dia da Mãi» é a alegria dum lar.

2.ª — Festejei êsse dia, preparando na véspera uma pequenina mesa com um cestinho muito engraçado, todo forrado de sêda branca e rosas brancas dentro e no meio do cestinho uma carta com uma saùdação a minha mãi; e já se sabe festejei êsse dia até à noite.

3.ª — Associei meus irmãos e meu pai para maior ser a homenagem prestada.

4.ª — Minha Mãi ficou contentíssima.

Idade da Filiada — 16 anos

1.ª — O «dia da Mãi» é o dia em que lhe devemos prestar maior homenagem, visto ser êste o dia consagrado às Mãis Portuguesas.

2.ª — Festejei. De manhã ouvi a missa dominical e ofereci-a a Deus em acção de graças por ainda ma conservar junto de mim. Quando cheguei a casa ofereci-lhe um ramo de flores, tendo pronunciado um pequeno discurso, enaltecendo as qualidades de minha boa Mãi. Durante o dia ajudeia-a em tudo que pude, não a contrariando na mais pequena coisa. À noite, juntamente com minha Mãi, Pai e irmã, rezámos o têrço, oferecendo-o pelas almas das Mãis, cujas filhas, nesse dia, não tivessem rezado por suas almas.

3.ª — Associei meu pai e minha irmã.

4.ª — Satisfeitíssima.

Idade da Filiada — 15 anos

1.ª — Penso que o «dia da Mãi» é o dia em que todos os filhos lhe devem prestar homenagem.

2.ª — Festejei êsse dia associando meu pai e auxiliando minha mãi nalguns trabalhos domésticos. Além disso, ainda prestei esta homenagem a minha Mãi: desde pequena que o paizinho pagava por mim, um tanto para o mealheiro do povo. Aos 15 anos tinha lá 2.000$00, que na véspera do «dia da Mãi» fui levantar com meu paizinho. Como eu sabia que a màizinha gostava de ter uma máquina de costura, empreguei, êsses 2.000$00 nela e ofereci-lha no dia 10.

3.ª — Associei meu pai e meu irmão à homenagem que prestei a minha Mãi.

4.ª — Minha Mãi ficou satisfeita.

(Continua no próximo número)